

3ª CNSB: uma conferência para não esquecer

Paulo Capel Narvai*

Há muitas razões para comemorar a realização, no final de julho, em Brasília, da 3ª Conferência Nacional de Saúde Bucal (CNSB). São tantas que, certamente, não cabem no reduzido espaço de um comentário como o que faço nestas linhas. Uma dessas razões, talvez a principal, seja o próprio fato de ter acontecido. Todos os que batalhamos em nosso dia-a-dia profissional pela saúde bucal de toda a população – e, portanto, não nos envolvemos apenas com os (importantes) problemas clínicos dos pacientes, considerados em sua individualidade – sentíamos, já há alguns anos, o quanto estávamos precisando de uma conferência. As indefinições vinham se acumulando, com evidentes prejuízos para os trabalhadores da área e, sobretudo, para a população.

Os rumos apontados na 2ª CNSB, em 1993, já estavam esmaecidos 11 anos depois. O tempo passou e aquelas indicações já não bastavam. A saúde bucal parecia abandonada no conjunto das

políticas públicas de saúde. O SUS permanecia sem uma clara definição sobre o que se deveria fazer na área; a formação e o desenvolvimento de recursos humanos seguiam fortemente influenciados pelos interesses comerciais presentes no setor; na estratégia de *saúde da família*, tão cara às últimas gestões do Ministério da Saúde, predominavam as dificuldades para definir ações compatíveis com essa orientação para a atenção básica em saúde; persistia a crise do mercado de trabalho para CD, técnicos e auxiliares; e até mesmo a fluoretação das águas, estratégia que em 2003 completou 50 anos de crescente expansão em nosso país, desde a iniciativa pioneira de Baixo Guandu-ES, em 1953, sofria agressões no Congresso Nacional. Um projeto de lei pretendeu, em 2003, anular a Lei 6.050, de 1974, que dá amparo legal a essa importante medida preventiva da cárie.

Foi um alento constatar que o ministro da Saúde, Humberto Costa, e o coordenador de saúde bucal, Gilberto Pucca, tiveram sensibilidade e compreenderam a importância de realizá-la, mesmo contra algumas vozes que insistiam

em que talvez não fosse “a hora” (para alguns, técnicos e políticos, nunca é “a hora” da saúde bucal...). Mais que sensibilidade e compreensão, puseram-se, rapidamente, em ação para concretizá-la.

O resultado é o que se viu: mais de 60 mil pessoas em todo o Brasil envolvidas com discussões sobre a saúde bucal dos brasileiros. Em todos os Estados, e no Distrito Federal, realizaram-se conferências de saúde bucal, aprofundando o debate sobre os problemas nacionais e loco-regionais a serem enfrentados nessa área. Das contribuições oferecidas nas etapas municipal e estadual resultou um conjunto de propostas que, em Brasília, foi submetido ao crivo de 883 delegados, representando os segmentos de usuários, trabalhadores e gestores dos serviços de saúde, públicos e privados. Desse esforço de construção coletiva emergiu um *Relatório Final* que, não obstante uma ou outra proposição a meu ver equivocada, certamente contribuirá (e muito!) para impulsionar a saúde bucal em nosso país. Quem duvidar, deve conferir as propostas que lá estão. O *Relatório Final* deve ser divulgado brevemente pelo Conselho

Nacional de Saúde.

Claro que, por si só, a conferência não resolve, como num passe de mágica, os problemas mencionados anteriormente. Não há dúvida, entretanto, de que a 3ª CNSB cumpriu plenamente sua missão. Trata-se agora de não permitir que aquelas propostas fiquem “no papel”. Há muito por fazer, providências a tomar, lutas que precisam ser travadas. Aqueles delegados que em Brasília “assinaram” as propostas, representando milhares, milhões que não puderam estar lá, estão “de olho”, vigilantes. É muito bom que seja assim, pois o calor de alguns debates, a forte emoção do encerramento sob o Hino Nacional, cantado por mais de mil vozes, não deixam dúvidas: a 3ª CNSB foi, em todos os sentidos, uma conferência para não esquecer.



* Cirurgião-dentista sanitarista. Mestre e Doutor em Saúde Pública. Prof. Associado (Livre Docente) da Universidade de São Paulo. Autor de *Odontologia e Saúde Bucal Coletiva* (Ed. Santos, 2002).